

## Editorial

**César Aparecido Nunes**

Coordenador Geral do I POIETHOS e Editor do Dossiê I POIETHOS

**Gustavo Bolliger Simões**

Secretário Geral do I POIETHOS e Editor do Dossiê I POIETHOS

**A**presentamos ao público acadêmico mais um número da Revista *Filosofia e Educação*, organizada e editada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas PAIDEIA. Trata-se da edição que contempla a primeira parte do dossiê do I POIETHOS (Simpósio Nacional sobre Política, Ética e Educação), realizado na Faculdade de Educação da UNICAMP em junho de 2008. Esse evento abraçou como tema a investigação das transformações do mundo do trabalho, decorrentes das novas forças sociais e tecnológicas da contemporaneidade e sua repercussão na educação no tocante às dimensões éticas e políticas. Por tratar-se de dois eixos políticos e epistemológicos - a Ética e a Política -, o encontro reuniu pesquisadores e especialistas, congregou inúmeros trabalhos e debates nas duas linhas. A comissão organizadora e os editores da *rfe*, ao avaliar a totalidade dos trabalhos apresentados, decidiram dividir em duas edições o conjunto das pesquisas e investigações ali apresentadas. O presente número condensa os trabalhos e estudos que dizem respeito à questão ética na consideração das mudanças do mundo do trabalho e suas repercussões na educação.

Esperamos que estas pesquisas e estudos possam balizar novas questões e reflexões sobre Ética e Educação de modo a garantir, por meio da socialização e da publicidade, as finalidades próprias de encontros da natureza do I POIETHOS e dos compromissos altruístas e emancipatórios da Universidade Pública.

Tomamos como premissa a consideração de que cada sociedade, em determinadas condições materiais e institucionais, desenvolve um conjunto de representações de valores e de exigências de comportamentos sociais regulados, éticos e políticos. A investigação sobre a dialética criadora da representação de ideais éticos e políticos nos diferentes grupos sociais constitui o horizonte inspirador do presente simpósio e sua temática.

Para a filosofia aristotélica, a *política* e a *ética* expressam o conteúdo da *Paideia*. O estado natural, definido por esse autor como a *primeira* natureza, coincidente com um estado de animalidade ou *barbárie*, deve ser elevado e transformado por um *segundo* estado político, conquistado através da educação, que acentua as razões do agir moral racional (Ética) e da convivência de iguais (Política). A educação seria o processo de instruir e formar a natureza humana, desenvolvendo o máximo de sua identidade, num processo equilibrado e eficiente de integração à ordem social. Essas são as bases da articulação clássica aristotélica entre Política, Ética e Educação.

A Ética assumiu um lugar destacado nos discursos e representações simbólicas da sociedade atual. Reconhecemos uma ampla saturação das abordagens e tratamentos sobre a Ética em nossos dias. Igualmente a Política ocupa lugar fundamental em todos os campos e meios de ação e reprodução social atuais. Mesmo diante das propaladas teorias que apontam crises e superações institucionais de múltiplas dimensões sociais, de revitalização de questionamentos catastróficos sobre as práticas políticas, culturais, científicas e morais atuais, assiste-se a um inusitado esforço para firmar e consolidar o campo da Ética em suas potenciais articulações, sobre todas as demais esferas de ação coletiva.

Nosso tempo e nossa sociedade encontram-se diante de um exemplar paradoxo: de um lado assiste-se à exaltação das liberdades e possi-

bilidades humanas de uma maneira nunca vista, com o acúmulo científico e tecnológico exemplar, e de outro constata-se uma acentuação discursiva sobre as intensas rupturas de toda a articulação simbólica e cultural, institucional e ideológica, nascida da modernidade e suas representações. O intenso e vertiginoso século XX produziu um sentimento ou atmosfera de *estranhamento*, captado pela percepção dos sintomas de nossas contradições estruturais, que se apresenta como uma superação, das esferas econômicas, políticas, culturais e ambientais inauguradas pelo triunfo da modernidade.

O sistema de produção inaugurado pela expansão ultramarina europeia nos séculos XIV e XV, inicialmente conhecido como Mercantilismo, passando séculos mais tarde pelas formas de industrialização, colonialismo, imperialismo, monopolismo e, já no século XX, pelas novas bases ideológicas denominadas neoliberais, decorrentes da desregulamentação do mercado, da redução do papel do Estado e da afirmação de novas práticas econômicas e culturais, é o terreno histórico sobre o qual concentramos nossas disposições reflexivas. O rearranjo estrutural do modo de produção capitalista, denominado ambigualmente como *globalização*, pautado na centralização das forças de mercado e na hegemonia da busca do lucro, na maximização da produção e reprodução das economias especulativas, particularmente ao final dos últimos 25 anos do século XX, desencadeou uma nova concepção da vida pessoal e coletiva, da realidade do cotidiano e da esfera pública, ressignificando as matrizes clássicas modernas.

A crise das religiões tradicionais e suas formas de reprodução e legitimação, numa era de multiplicação de informações e ampla difusão dos meios de transmissão de dados, ampliou ainda mais esse sentimento de *desarraigamento*. O cenário que logramos identificar como contexto de nossa época encontra-se ilustrado pelo esgotamento crescente dos re-

cursos naturais, pela ameaça constante de guerras e enfrentamentos bélicos, pela proliferação de distúrbios ambientais e agressões ecológicas, constituindo um pano de fundo dramático, beirando ao trágico e, em alguns casos, ao deslinde acentuado para o macabro. Essa sensação de *mal-estar* acentua-se quando observamos o lacunar vazio das expressões culturais da sociedade de massas, a avassaladora perda do sentido do humano nas mais inusitadas práticas, tais como a violência contra as crianças e jovens, a acelerada delinquência juvenil, os ataques às escolas e universidades expressos num fenômeno mundial denominado *bullying*, o individualismo competitivo extremado como valor, a banalização do corpo e da sexualidade, o culto da indolência e a exacerbação do consumo, a expansão de concepções criminosas de racismo, sexismo e a reprodução de barbáries contemporâneas desse tom e matiz. Esse conjunto de expressões do fenômeno social e cultural de desagregação e esfacelamento das teias morais e axiológicas de nossa sociedade tem preocupado a educadores, militantes e intelectuais.

Desde a inauguração reflexiva de uma teoria do agir moral humano, efetivada por Aristóteles e sua clássica *Ética a Nicômacos*, passando pelas cristalizações morais da concepção judaico-cristã medieval, notadamente considerando as diversas abordagens modernas, de Spinoza a Kant, de Locke a Rousseau, de Maquiavel, Hobbes a Hegel, bem como as abordagens críticas dessas concepções modernas tais como as produções de Marx a G. Luckacs e I. Meszaros, para citar alguns, reconhecemos o vigor e a pertinência filosófica dessas indagações e suas consequentes repercussões sociais.

A suposta crise de uma ética de inspiração nucleada na ação humana, considerada como uma fundamentação imanente, como expressão política nascida da natureza humana, ainda que radicada em determinada concepção de ação política, trouxe à baila um conjunto de dis-

posições que, em nome da superação dessas concepções, parecem estar mais próximas das suas formas mais atávicas, quase que pré-modernas. Assistimos a um reavivamento de proposições éticas transcendentais, messiânicas, soteriológicas, milenaristas e, consideradas conjuntamente, notadamente transcendentais ou idealistas. Os sistemas religiosos tradicionais constituíram bases conceituais e representações de valores que sustentaram práticas e teorias éticas de largo alcance axiológico e de ampla duração histórica, como o bramanismo, o budismo, o islamismo, o taoísmo e o cristianismo, para citar alguns.

O radical helenista *ethos* designava preliminarmente a toca, a casa primitiva, o lugar de abrigo, depois designava o esteio da casa ou morada humana, na Grécia Antiga. Aristóteles condensa e empresta um novo sentido ao termo, definindo a Ética como uma das ciências práticas que diziam respeito ao caminho racional e virtuoso de atingir a finalidade da vida humana, a felicidade. O filósofo explicita um primeiro tratado sobre Ética, ensinando conceitos, regras e disposições que diziam respeito à condução equilibrada e planejada das regras da casa, dos valores de convivência humana primária até considerar o governo da cidade e suas instituições. O *ethos* é o espaço da experiência humana, assim como a identidade de seu entorno e derivação: o *ethos* é a expressão da conduta dos homens na busca de suprir suas necessidades, na expressão de suas potencialidades, na configuração de sua cultura e modo de ser ou agir. O *ethos* configuraria, assim, um conjunto de representações dos grupos humanos, que abarca as formas de viver e produzir a vida, as formas de conviver e reproduzir essa mesma vida, socialmente considerada. Trata-se de um processo político e de um produto cultural e social. São cânones, normas, regras e dispositivos que vão sendo traçados, constituídos e legitimados no espaço do agir humano, a sociedade, mediante a ação política, na direção de manutenção ou reprodução de de-

terminadas formas e práticas sociais e culturais. A Ética constituiria a consideração desses consensos fundamentais, contratos e imperativos basilares para a consubstanciação da experiência humana em sociedade.

A Educação, tomada como prática social, condensa uma radical identidade ética e política. A formação e a apreensão das disposições éticas e o preparo para a ação política são dimensões intrínsecas da atuação educacional. A ação dos educadores implica a consideração das necessidades e expressões sociais e culturais, necessárias e presentes, mas guarda essencialmente uma potencialidade de formação de imperativos éticos fundamentais para a produção de consensos humanizadores no campo da política e da vida cotidiana.

Dessa forma, requer-se dos educadores e das instituições sociais responsáveis pela formação de professores uma radical reflexão sobre a Ética, seus fundamentos e sua natureza, a Política e suas expressões. A Universidade Pública, em seus grupos e composições institucionais, é chamada a assumir claramente um lugar nesse debate emergente, de modo a apresentar razões e elementos que justifiquem um compromisso com valores e coordenadas políticas democráticas, solidárias e humanistas amplas e pluralistas.

A diversidade de fundamentações e a pluralidade dos estudos ora apresentados revelam a fecundidade temática do campo epistemológico e político da Ética na Educação. Os direitos humanos, os novos direitos sociais, a questão da sustentabilidade ambiental e urbana, a questão do corpo e a formação de professores, entre outros, são temas que desafiam os investigadores e pesquisadores nesse momento histórico de profundas transformações na base material da sociedade com consequentes repercussões na vida pública e na Universidade.